

DA HISTÓRIA E DAS “ESTÓRIAS”

EM TEXTOS DA LITERATURA DE CORDEL DO SÉCULO XVIII

ANA MARGARIDA RAMOS
(Univ. de Aveiro)

169

«Se tu quiseres tornar-te homem de letras, e um dia se calhar escreveres Istórias, tens mesmo de mentir, e inventar histórias, senão a tua Istória seria monótona. Mas terás de fazê-lo com moderação. O mundo condena os mentirosos que não fazem senão mentir, até sobre as coisas ínfimas, e vai premiando os poetas, que só mentem sobre as coisas grandíssimas»

Umberto Eco, *Baudolino*, p. 46

Pretendemos, nesta comunicação, proceder a uma reflexão sobre o modo como, num *corpus* limitado de textos da literatura de cordel portuguesa do século XVIII, sobre o aparecimento de monstros, interagem elementos aparentemente contraditórios, ligados à ficcionalidade e à factualidade.

Conjugadas frequentemente nos próprios títulos dos textos¹, realidade e ficção parecem coexistir pacificamente e não provocar brechas significativas ao nível da leitura realizada.

Assim, a reforçar insistentemente a veracidade (promovendo a credibilidade) dos relatos, surgem elementos como os referentes espaciais reconhecíveis, a localização precisa no tempo, a opção pela forma “jornalística” ainda de construção embrionária ou por estruturas formais como a da carta ou da crónica, a presença de testemunhas tidas como credíveis (às vezes, o próprio narrador), além da referência insistente a dados objectivos como números, datas, quantidades e medidas.

Ao invés, são elementos pertencentes ao domínio do insólito a própria temática da monstruosidade destes relatos, rodeada de espectacularidade (promovendo a incredulidade), visível na intensa adjectivação e nas comparações improváveis.

¹ Confrontar com: «Nova Maravilha da Natureza, ou notícia rara e curiosa de um homem marinho, que apareceu nas praias da cidade de Marselha em o reino de França, com cuja ocasião se refere outro successo semelhante acontecido na China (1755)» ou ainda com «Notícia Verdadeira de um caso maravilhoso sucedido na Itália, em os Estados de Milão, em o mês de Fevereiro do presente ano (1761)», só para dar dois exemplos, em que sublinhamos com um só traço os elementos que remetem para a factualidade e com dois traços os que apontam para a ficcionalidade. Os sublinhados são nossos. Optámos, ainda, para uma maior comodidade de leitura e de escrita, pela actualização da grafia, tanto nos títulos dos folhetos como nas citações dos mesmos que surgirão neste texto.

Deste modo, encontramos, por um lado, como reforço da factualidade, elementos que ligam estes textos se não ao discurso historiográfico, porque referem acontecimentos relativamente recentes, pelo menos ao discurso jornalístico ou cronístico, fontes, aliás, da própria construção da História, como são a precisão de datas, locais e factos históricos comprovados, a utilização de fontes e testemunhas a atestarem a ocorrência, além da frequente utilização da estrutura da carta. Por outro lado, os elementos maravilhosos, ainda que insistentemente apresentados como verdadeiros, ligados ao fantástico e ao insólito, são motivo central de textos que seguem uma tradição antiga, ligada quer a fontes clássicas, como é o caso de Plínio, o Velho, quer a fontes medievais, algumas canónicas, como é o caso de Santo Agostinho, Santo Isidoro de Sevilha ou Santo Ambrósio, além dos próprios bestiários.

Daqui resulta uma coexistência que, ao contrário do que se poderia pensar, parece, do ponto de vista do leitor, pacífica e pouco problemática. Veja-se, a comprová-lo, as referências assíduas a textos que relatam “**factos inacreditáveis**”, em que a expressão em causa assegura, por si só, a junção de dois universos completamente distintos, mas que, aqui, surgem perfeitamente conciliados, sem que seja apontada a contradição² evidente que a expressão encerra. A este respeito, e referindo-se ao contexto inglês em particular, Gilles Duval³ aponta as principais contradições que caracterizam este tipo de fórmulas editoriais, ao afirmar que «le colportage est donc pétri de contradictions intellectuelles et esthétiques, comme le soulignent d'ailleurs tous les spécialistes. Il est partagé entre la recherche du réalisme et de la vraisemblance, de l'exotisme spatial ou temporel et du spectaculaire à tout crin: ainsi les “canards” indéfiniment rabâchés sont actualisés par des formules telles que “neue”, “en el presente año”, “printed in the present year”. Contradictions si mal résolues que partout le colportage a tendance à se parodier lui-même, et il arrive aux auteurs de dénigrer leurs propres œuvres tout en se targuant de sincérité et de désintéressement» (Duval: pp. 67-68).

Aqui, o lado maravilhoso, sobrenatural ou verdadeiramente divino contrasta com as insistências na sua exactidão espaço-temporal ou na sinceridade dos testemunhos apresentados segundo uma estratégia que se pretende convincente, baseada numa argumentação em que surgem múltiplos detalhes⁴. A este propósito, vejam-se,

² É claro que temos notícias de outros folhetos em que surgem críticas aos assuntos inverosímeis que eram notícia assídua na prosa de cordel, e que se referem explicitamente aos “enganos” de que os leitores eram alvo por parte de autores/editores pouco escrupulosos, interessados apenas no lucro fácil e rápido. A título meramente exemplificativo, veja-se o seguinte folheto – *Relação e Breve notícia de um bicho feroz que apareceu à gente que foi para o Mato Grosso (1700?)* –, onde se referem os “enganos” e “logros” que se encontram nestes folhetos. Aqueles que os escrevem são referidos como «tratantes e ardilozes e astutos» com «o fito só na gulosa ambição de embolsar os teus vinténs fazem soar por todas as ruas a voz do pregão dos moços dos cegos, certos em que tu hás-de dar-lhe ouvidos, e engodado no gosto de uns títulos, que lhe sabem dar, à face se mostram curiosos, divertidos e de bom gosto (que assim sabem estes caçadores de vinténs armar o laço do seu engano) não hás-de deixar de largar os teus dez reis, cuidando que ali tens com que divertir penas, aliviar tristezas, submergir melancolias e conservar alegrias; no que depois te achas enganado».

³ Sobre esta questão, Gilles Duval refere-se mesmo à existência de um “logro”, um verdadeiro “embuste” em que o leitor continuou a cair durante três séculos e que permitiu a sobrevivência deste género específico de textos. A explicação para o sucesso e para a credibilidade de tais narrações junto do público pode ser encontrada no «prestige attaché à tout ce qui est écrit: on a tendance à croire à quelque chose simplement parce qu'on l'a lu dans un livre ou un journal. De la sorte, tout tourne autour de la relation très curieuse qui unit l'auteur à son public. Qu'il usurpe ou qu'il adopte spontanément le rôle du prophète ou de prédicateur, le gazetier jouit d'une position d'autorité morale et scientifique par rapport à son lecteur» (Duval: p. 331).

⁴ A exploração do detalhe e do pormenor como técnica sistemática, que pode surgir a vários níveis, é apresentada como predecessora da “imprensa dos escândalos”, que conhecerá igual sucesso mais tarde.

por exemplo, dois⁵ dos folhetos do nosso *corpus* que partilham várias páginas de texto. E ainda que ambos contextualizem o fenómeno que descrevem em momentos diferentes e em locais também eles distintos, esta reprodução integral de grande parte do relato configura claramente uma estratégia de aproveitamento de materiais cuja aceitação pelo público já tinha sido testada com sucesso, materiais esses que são rudimentar e simplesmente actualizados do ponto de vista temporal e espacial. Tal procedimento permite falar, a propósito destes textos, de publicações de tipo “massificado”, visando quase exclusivamente intuítos comerciais, na tentativa de satisfazer na íntegra as expectativas dos leitores/consumidores, habituados a uma forma e a modelos cristalizados pelo uso e pela tradição. Além disso, as semelhanças existentes, que incluem praticamente a totalidade do folheto de 1752, reforçam a nossa ideia da existência de uma matriz mais ou menos fixa relativa a estes folhetos sobre o aparecimento de monstros, funcionando as várias edições dos textos como actualizações espaço-temporais. Uma proximidade a este nível põe em causa a veracidade dos relatos aos olhos dos leitores actuais, mas não aos dos leitores seus contemporâneos, uma vez que a efemeridade destes textos e a distância de duas décadas entre as duas edições dificilmente conduziria ao reconhecimento das semelhanças existentes.

Os títulos dos folhetos são, também, o exemplo acabado dessa conciliação de elementos totalmente opostos, visível, até, nas designações dos textos como “relação”, “relato” ou “notícia”, nomenclaturas importadas do registo factual, como é o caso do jornalístico, que aqui já surge de forma embrionária. A ausência da periodicidade é a principal distinção que pode ser apontada entre muitos destes folhetos e as “Gazetas” suas contemporâneas, à semelhança, aliás, dos *canards* franceses. Fórmulas de sucesso considerável, os *canards* ou livros de ocasião precederam a própria *Bibliothèque bleue* e acompanharam a sua evolução durante bastante tempo, trabalhando temáticas similares. O *canard* é uma publicação que se encontra ao serviço da actualidade, distinguindo-se do jornal pela sua ausência de periodicidade. Apresenta, de forma ocasional, «des nouvelles choisies parmi celles qui offrent un intérêt exceptionnel aux yeux d'une clientèle populaire. Elle préfère traditionnellement l'individuel au général, le concret à l'abstrait, le rêve à la réalité» (Seguin: p. 35), o que configura um discurso com claras proximidades com a literatura dirigida ao grande público que, depois, se designará por literatura de massas, ainda que mantenha afinidades com as manifestações tradicionais, algumas ainda de expressão predominantemente oral.

Destacam-se, neste género de publicações, como motivos de maior sucesso e interesse (visível no número de edições), «os crimes medonhos e as execuções capitais (...), as aparições celestes (...), os feitiços e possessões diabólicas (...), os milagres (...), as cheias (...), os tremores de terra (...)». Os restantes pertencem ao mesmo registo, dando a ler histórias de monstros, de sacrilégios, de raios e trovões» (Chartier: 1988, p. 191). Desta forma, estamos em presença de textos conotados com «crimes et prodiges, catastrophes et miracles, faits d'histoire et faits divers» (Chartier: 1993, p. 92). A importância destes textos era notória, já que eram frequentemente transcritos e copiados e o seu estilo influenciava a escrita de outros textos: «sa propre écriture est façonnée par les formules de l'imprimé, dont elle reprend motifs et énoncés, et le récit de fiction devient à son tour garant de la véracité des faits extraordinaires racontés ou vus dans

⁵ Os textos a que nos referimos são: *Nova Relação de uma fera novamente aparecida na China nos montes de Pequim*, Coimbra, Real Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1752, e *Bicho Asiático, monstruosa aparição das montanhas da Pérsia, e juízo que se fez sobre a matéria na Corte da Turquia* (s/ data). Este último, apesar de não ter data de edição, situa o acontecimento em 1735.

la ville» (idem). É exactamente neste grupo que situamos os textos que hoje trazemos aqui.

Grosso modo, podemos, parece-nos, encontrar na prosa de cordel dois grandes grupos de textos, ainda que, depois, cada um deles possa ser objecto de inúmeras subdivisões. Assim, o primeiro critério que utilizámos para proceder a esta selecção prende-se com o conceito de “verdade” da matéria tratada nos folhetos⁶. Com base neste dado, observemos a existência, logo à partida, de duas grandes categorias de folhetos: (1) uma onde se assume claramente o lado ficcional da matéria publicada, e que inclui textos de cariz cómico ou jocoso, que relatam aventuras de heróis e histórias de amor, entre outras temáticas; (2) e uma outra que se apresenta salientando, desde logo, o lado “verídico”, quase noticioso, dos factos narrados.

Este último é um conjunto de textos bastante amplo e diversificado, onde é possível encontrar, a par de descrições de acontecimentos naturais⁷, como tempestades ou terremotos, relatos de crimes cometidos e dos respectivos castigos (quase sempre a morte) infligidos aos criminosos; descrições de acontecimentos ocorridos no âmbito de guerras, como batalhas (sobretudo as vitoriosas), assaltos e cercos; e, ainda, acontecimentos fora do comum, como o aparecimento de monstros e feras e nascimentos de seres fora do habitual. No que diz respeito às questões históricas, o interesse dos leitores, a tomarmos como fonte o tipo de textos publicados e as suas temáticas, centra-se em assuntos como a acção dos monarcas (com referências elogiosas à sua personalidade), a vida na corte (nascimentos, casamentos, mortes, funerais) e os feitos do país (ao nível militar, como já vimos, e também diplomático). O que todos estes textos, aparentemente tão distintos, têm em comum é a insistência no motivo da “verdade” e do “rigor” da matéria tratada.

E se há casos em que não se levantam dúvidas, por se tratar de folhetos que, pela temática abordada, pela proximidade temporal em relação ao assunto tratado, bem como pela sua efemeridade⁸ ocupariam, mais ou menos, o lugar da imprensa actual, mantendo as populações informadas sobre aquilo que se passava pelo mundo, outros textos podem exigir uma análise mais profunda, mesmo relativamente à utilização dessa insistência no tópico da “verdade” dos factos narrados, que, no nosso entender, pode funcionar mais como artifício retórico do que propriamente como factor assegurador da veracidade dos acontecimentos, como veremos mais adiante.

⁶ Este aspecto necessitaria, como é óbvio, de uma reflexão mais aprofundada. Contudo, não queremos deixar de referir duas características que nos parecem fundamentais, em relação à “verdade” dos textos dos folhetos. A primeira nota vai para a recepção do texto e para o papel extremamente importante que desempenha no processo interpretativo, o que nos obrigaria a descobrir a forma como o texto era recebido: verdade ou ficção? A segunda nota prende-se com o próprio processo de publicação e de impressão dos textos, já que existia a noção de que o publicado (que correspondia aos textos que tinham tido licença de impressão e autorização de comercialização) era sempre verdadeiro. Aliás, a falta de perspectiva histórica da grande maioria dos leitores conduzia a que todos os relatos fossem situados, mais ou menos, no mesmo plano, tratassem eles (ou não) de temáticas históricas, novelescas, maravilhosas, jocosas, simbólicas, etc.

⁷ Também se nota um interesse e uma enorme fascinação por temáticas relacionadas com calamidades naturais dos mais diversos tipos, assim como pelas atrocidades cometidas pelos homens. Incluem-se, no primeiro destes tipos de textos, os folhetos relativos à descrição de terremotos, incêndios, tempestades (furacões), inundações, pragas, passagem de cometas, erupção de vulcões, entre outros. No segundo tipo de textos temos a descrição de crimes violentos – assassínios (patricídios, matricídios, etc.), roubos, violações – assim como os castigos infligidos aos praticantes desses mesmos crimes. Destaque-se, em ambos os tipos de textos, a importância da descrição pormenorizada, tão realista (às vezes, exageradamente) quanto possível, com indicação precisa de números.

⁸ Trata-se, efectivamente, de notícias cuja validade é extremamente curta, uma vez que, geralmente, novas notícias surgem, ultrapassando os dados das primeiras.

Com efeito, quanto mais o facto relatado foge à realidade e às “leis naturais” do mundo empírico, maior é o esforço por parte do seu autor em reiterar a questão da verdade, recorrendo a estratégias mais ou menos subtis para convencer o leitor. Nestes estratagemas incluem-se, como já avançámos, a apresentação de imagens com o “retrato fiel” ou “fidedigno” do dito monstro, a precisão e o rigor da localização espacial e temporal, a referência a numerosas testemunhas⁹, sobretudo as de maior peso, pela posição social que ocupavam, o confronto e o exemplo de outros textos, nomeadamente clássicos, a própria estrutura do relato que, na maior parte dos casos, segue o modelo da carta (pode ser mais ou menos formal, em estilo também ele mais ou menos rígido) e a minúcia na descrição do fenómeno estranho, condicionando a leitura pela quase aproximação científica¹⁰ aos factos descritos e narrados.

Nesta medida, a par de relatos mais ou menos fidedignos, como aqueles a que já nos referimos, surgem também, atestando de forma reforçada e até mesmo insistente (eventualmente obsessiva) o seu grau de veracidade, narrações de acontecimentos que parecem mais inverosímeis ou que, sendo verdadeiros, vêm claramente reforçada a sua mensagem central pelo recurso a numerosos exageros. Nota-se, pela parte do autor (muitas vezes anónimo, outras conhecido pelas iniciais e outras ainda “escondido” sob a capa do tradutor ou de pseudónimos vários), grande preocupação em atestar não só a verdade, mas também, às vezes, a cientificidade daquilo que se narra.

Os títulos são, de facto, elementos decisivos para esta análise, por incluírem as designações utilizadas pelos autores para se referirem à obra que dão a público. Deste modo, e apesar de o nosso *corpus* reunir um conjunto de textos que tratam assuntos próximos, verifica-se uma grande variedade de fórmulas usadas, de que apresentamos alguns exemplos: relação, notícia, cópia de uma carta, história, ainda que todas as designações apontem para o cariz factual dos textos. Além disso, estas designações podem surgir isoladas ou conjugadas ou ainda acompanhadas por um ou mais adjectivos (que se encontram destacados a negrito), permitindo, através da combinação destes elementos, uma variedade significativa, como se pode ver nos exemplos¹¹ que aqui apresentamos: “relação **verdadeira**”, “notícia **rara e curiosa**”, “notícia **verdadeira**”, “**nova, e curiosa** relação”, “**curiosa** notícia e **certa** relação”, “**nova, e verdadeira** relação”, “relação e **breve** notícia”, “**nova** relação e suplemento à notícia”, “**nova** relação”, “notícia **verdadeira, e curiosa**”. Desta conjugação conclui-se que o adjectivo tanto pode reforçar ora o seu carácter verídico, ora a sua vertente insólita, sendo ainda possível a combinação das duas. Refira-se, contudo, que apenas o levantamento dos adjectivos permite perceber que a diversidade não é, a este nível, assim tão grande, uma vez que são quase sempre os mesmos os utilizados de forma repetida e recorrente. Veja-se, nomeadamente, a insistência do adjectivo “verdadeiro”, com vista ao reforço da verdade e da credibilidade da matéria tratada, assegurando a sua factualidade, do adjectivo “novo”, com vista a despertar o interesse dos leitores para a novidade e originalidade do assunto tratado, e finalmente do adjectivo “curioso”, directamente relacionado com a especificidade da matéria tratada, ligada ao insólito e

⁹ Sobre a questão do reforço da verosimilhança neste tipo de publicações, confrontar com: -Dès le titre. l'auteur fait pression sur le lecteur en affectant de laisser parler les témoins, sans intervenir. Mais ce n'est pas la seule arme dont il dispose. Grâce à une formulation intelligente, il réussit à rendre crédibles des événements imaginaires: il accumule des détails qui font vrai (d'où la longueur des titres); il situe l'événement dans un environnement proche, il cite nommément les victimes ou les bénéficiaires (donc il donne un intérêt humain à son "reportage"); enfin il évoque les témoignages des spectateurs nombreux et dignes de foi, c'est-à-dire bien nés- (Duval: pp. 330-331).

¹⁰ Sobre, por exemplo, a construção do retrato do monstro em diferentes folhetos da literatura de cordel, ver Ramos, 2001.

¹¹ Na apresentação dos exemplos, que não são exaustivos, optámos pela omissão de casos repetidos.

ao estranho, provocando a curiosidade do público leitor. Este tipo de construção também poderá ser explicada pelo intuito comercial desta literatura, funcionando como forma de sedução do leitor, já que o que se procura aqui é captar a sua atenção, aguçando-lhe a curiosidade e, conseqüentemente, levando-o à compra. A designação dos textos será ainda, como veremos, articulada com a caracterização do assunto tratado, duplicando as contradições que caracterizam estes textos. Sobre esta questão, Gilles Duval refere que, desde os títulos, «on trouve un résidu de mystère impossible à dissiper: le prodige garde à la fois son caractère proche et lointain, véridique et inexplicable: il est “true”, mais aussi “strange” et “wonderful”, ces deux derniers termes déjouant l’effort de rationalisation exprimé par “relation” et “account”» (Duval: p. 337).

A utilização recorrente da designação de “relação” obriga a uma explicitação breve das implicações deste termo. A relação apresenta afinidades com os textos noticiosos que se incluem nas Gazetas e que vão dar origem ao jornalismo, caracterizando-se, em termos teóricos, pela sua factualidade. A principal distinção entre as relações e as gazetas prende-se com a ausência de periodicidade das primeiras, vindo a público de forma não uniforme e irregular, motivadas pelas circunstâncias e pelos acontecimentos do momento. Contudo, e mesmo quando só a designação é aproveitada e o seu conteúdo é mudado, mantêm quase sempre marcas do seu carácter noticioso – ainda que possa só ter sentido ficticiamente – «que marcará su futuro en una doble perspectiva de noticia y propaganda» (Marco: p. 502). Assim, a utilização desta designação, como aliás podemos comprovar no caso dos textos que estamos a analisar, funciona como forma de reforçar a verosimilhança (e logo a credibilidade) do narrado e surge a par de outras, com significado semelhante, como “relato” ou “narração”.

Depois, é igualmente necessário conjugar os elementos relativos à caracterização ou definição do texto em questão com o assunto que trata, no sentido de salientar as contradições que aqui se manifestam e de que demos conta anteriormente.

Assim, a referência aos monstros que ocupam a maioria dos folhetos surge nos títulos de diversas formas¹²: “monstro **horrível**”, “bicho **feroz**”, “**monstruosa** aparição”, “**extraordinário e prodigioso** caso”, “**formidável e horrendo** monstro”, “**portentoso** monstro”, “**térrível, e formidável** monstro”, “**o maior** monstro da Natureza”, “**formidável** bicho”, “**grandíssimo** animal”, “**monstruoso, e horrível** bicho”, “**medonha** fera”, “monstro **prodigioso**”, “**prodigioso e estupendo** fenómeno”, “caso **maravilhoso**”, “**formidável** fera”, “**admirável, e estupendo** monstro”, “**espantosa** fera”, “**feroz** bicho”. Repare-se, neste caso, na variedade de designações utilizadas, sendo, contudo, as mais frequentes as de “monstro”, “bicho” e “fera”. Os adjectivos também são diversificados, ainda que alguns surjam com mais insistência e estejam presentes em várias combinações, como é o caso de “formidável” e “estupendo”. Quando o substantivo pelo qual é designado o fenómeno não inclui a sua classificação como “monstro”, optando o narrador por “fera”, “bicho” ou outro, o carácter monstruoso é, então, conferido pelo adjectivo que qualifica o nome. Também surgem, com relativa frequência, sobretudo em títulos de grande extensão, a dupla adjectivação, assim como a flexão do adjectivo em grau, preferindo o narrador, por razões óbvias, os graus superlativos.

Mas, para além dos títulos e das contradições que encerram, há ainda, como já adiantámos, outros elementos que nos permitem falar das tentativas de ancoragem deste tipo de narrativas no universo factual e histórico. São elementos determinantes,

¹² Estes exemplos não são exaustivos e referem-se exclusivamente a referências ao elemento monstruoso em títulos de folhetos, uma vez que, no corpo de cada texto, são usadas inúmeras variantes para se referir o fenómeno.

para além das alusões a personagens referenciais, como é o caso de elementos da corte ou a acontecimentos historicamente comprovados, como a passagem de cometas, a ocorrência de terramotos, por exemplo, a contextualização espaço-temporal das intrigas. Os folhetos, nomeadamente nos títulos, precisam com rigor quase jornalístico os locais e os momentos da ocorrência das acções que narram. Contudo, por muito precisos e aparentemente rigorosos que sejam os referentes crono-espaciais, às vezes com indicação das horas, por exemplo, a verdade é que remetem, com muita frequência, para um universo fabuloso, quase mítico, do “era uma vez...”¹³.

Assim, tal como podemos afirmar, à semelhança de Gilles Duval, que «Le traitement du temps peut être rhétorique ou poétique et les histoires se situent dans le monde à la fois réel et imaginaire, proche et lointain» (Duval: p. 187), também as notações de cariz geográfico, ainda que recriadas de forma mais ou menos fidedigna, devem ser entendidas como coordenadas que, em lugar de conduzirem os leitores no mapa do mundo empírico, situando factos, os orientam para uma leitura fabulosa e fantástica do espaço e dos acontecimentos, funcionando como elementos de uma geografia fabulosa (porque maravilhosa), que, em certa medida, encontra ainda afinidades com os roteiros medievais em que os *mirabilia* tinham lugar de relevo. Assim, enquanto o Cristianismo recupera o maravilhoso para o milagre e o seu reaproveitamento científico tende a «fazer dos *mirabilia* fenómenos marginais, casos-limite, excepcionais mas não fora da ordem da natureza» (Le Goff: p. 30), a recuperação histórica destes casos ocorre com o «desejo de ligar os *mirabilia* a acontecimentos e datas» (idem).

Estamos, pois, em presença de textos em que «les éléments réalistes (évocation de la vie quotidienne) coexistent avec les éléments merveilleux (...). Ainsi, la fiction se mêle indissolublement au réalisme, et d’une façon générale les “chapbooks” se situent à une frontière imprécise entre le conte de fées et la chronique. La morale et le merveilleux se mêlent et se renforcent mutuellement» (Duval: p. 187).

De catalogação difícil, até pelas contradições latentes que os estruturam, estes textos da literatura de cordel, cuja análise apenas esboçámos, situam-se num limbo algo impreciso entre a crónica e o “maravilhoso”, entre a história e a ficção.

¹³ Sobre esta questão, em particular, do tratamento temporal, confrontar com: «En ces temps reculés, tout était possible, rien ne choque, pas même les anachronismes. En outre, le fait de situer un récit fantaisiste de façon précise (mais variable suivant les versions) constitue un gage – illusoire – de véracité: tel a existé, mais tout le reste est fabuleux. Ce souci apparent de vraisemblance et donc de respectabilité, de même que l’appellation générique de “histoires” donnée à ces livrets pourraient donner à penser que les imprimeurs voulaient désarmer les moralistes puritains puis non conformistes. Mais était-ce bien nécessaire, puisqu’ils nourrissaient une hostilité de principe à l’égard de la littérature d’évasion? Il faut sans doute plutôt y voir un élément de “make believe”, au même titre que le il “était une fois” des contes de fées» (Duval: pp. 314-315) e também com «Mais l’histoire peut devenir simple prétexte, et à ce moment le récit assume totalement son autonomie. À mesure qu’on s’éloigne de l’Histoire, l’on se rapproche de l’*affabulation* (...). De l’Histoire à l’Histoire comme cadre, l’on passe enfin à une structure atemporelle; même si les données historiques sont justes, le récit pourrait se dérouler dans n’importe quel contexte» (Duval: p. 318).

Referências bibliográficas

CHARTIER, Roger

1988, *A História Cultural. Entre práticas e representações*, Lisboa, Difel.

CHARTIER, Roger (dir.)

1993, *Pratiques de la lecture*, Paris, Éditions Payot & Rivages.

DUVAL, Gilles

1991, *Littérature de colportage et imaginaire collectif en Angleterre à l'époque des Dicey (1720 – v. 1800)*, Bordeaux, Presses Universitaires de Bordeaux.

ECO, Umberto

2002, *Baudolino*, Algés, Difel.

LE GOFF, Jacques

1985, *O Maravilhoso e o Quotidiano Medieval no Ocidente Medieval*, Lisboa, Edições 70.

MARCO, Joaquín

1977, *Literatura popular en España en los siglos XVIII y XIX (Una aproximación a los pliegos de cordel)*, vol. I e II, Madrid, Taurus Ediciones.

RAMOS, Ana Margarida

2001 «O retrato de monstros na prosa de cordel do século XVIII: Tipologias e estratégias textuais», in ABREU, L. M. e MIRANDA, A. J. (coord.), *O Discurso em Análise – Actas do 7.º Encontro de Estudos Portugueses*, Aveiro, Associação Labor de Estudos Portugueses, pp. 161-175.

SEGUIN, Jean Pierre

1959, *Nouvelles à sensation. Canards du XIX^e siècle*, Paris, Armand Colin.